



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Semana traz dados de inflação no Brasil e nos EUA e dá início às divulgações dos balanços dos principais bancos norte-americanos

O IBGE divulga na quarta (10) o resultado do IPCA de junho, que deve voltar a ficar acima de 4%. O mercado projeta alta de 0,30% em junho, com novo avanço dos preços dos alimentos, embora em menor intensidade do que na leitura de maio. Com isso, o índice mostrará aceleração na métrica em 12 meses, de 3,93% para 4,33%, voltando a se afastar da meta de 3%. De toda forma, os agentes estarão atentos se as principais medidas de núcleo, que vinham em processo de desinflação e são menos sensíveis a choques de oferta, também mostrarão alguma piora, fato que pode aumentar a cautela com o comportamento futuro da inflação.

Ainda no âmbito da inflação, a FGV divulgou hoje cedo o IGP-DI de junho, que subiu 0,50% no mês, abaixo do esperado (+0,60%), mas com continuidade das pressões dos itens agropecuários no atacado. O ponto positivo é que a inflação dos itens industriais perdeu força no atacado no mês, de 1,19% para 0,19%. Em 12 meses, o IGP-DI acumulou alta de 2,88%.

A semana também traz indicadores de atividade do mês de maio, que devem recuar, refletindo os efeitos das enchentes no Rio Grande do Sul. Na quinta (11), o IBGE divulga o resultado do varejo, que deve cair 0,7% no conceito ampliado, enquanto na sexta (12), será conhecido o dado do setor de serviços, com expectativa de queda de 0,8% no mês. Apesar de negativos, os dados não devem ser lidos como uma tendência, mas sim, algo pontual. A expectativa é que os indicadores voltem ao terreno positivo em junho, impulsionados pelas condições ainda favoráveis para a expansão do consumo das famílias.

Na agenda política, a expectativa é pela votação da regulamentação do primeiro texto da reforma tributária no Plenário da Câmara. O projeto regulamenta a Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS), o Imposto sobre Bens e Serviços (IBS) e o Imposto Seletivo (IS), que em tese será cobrado sobre itens prejudiciais à saúde. Além disso, o projeto também regulamenta os regimes diferenciados e a tributação de itens da cesta básica. Além deste, ainda precisam ser aprovados outros dois projetos, que regulamentam o Comitê Gestor do IBS e a distribuição de receitas entre a União, Estados e municípios.

No âmbito internacional, na quinta (11) haverá a divulgação da inflação ao consumidor (CPI) de junho nos EUA, que deve mostrar nova desaceleração. O consenso do mercado aguarda uma alta de apenas 0,1% no mês, após estabilidade em maio, o que levaria o indicador a desacelerar para 3,1% (ante 3,3%) no acumulado em 12 meses. Apesar de ainda acima da meta de 2%, caso o CPI dê sinais convincentes que voltará a rodar abaixo de 3% em breve, a divulgação deve ampliar a confiança dos agentes que o Fed pode começar a cortar os juros a partir de setembro. Na sexta (12), será conhecido o índice de preços ao produtor (PPI).

Outro evento relevante na semana é a participação do presidente do Fed, Jerome Powell, em audiência no Senado norte-americano, que ocorre na terça (9). O mercado estará atento as pistas que Powell dará sobre a condução da política monetária nas próximas reuniões do Fed. A Secretária do Tesouro, Janet Yellen, também falará aos senadores.

Mercados também devem ficar atentos aos desdobramentos políticos das eleições na França. O resultado surpreendeu sobretudo pela votação mais fraca do que a esperada do Partido Reunião Nacional na França, que ficou em terceiro lugar. Se isto pode ser visto como uma notícia favorável aos mercados, por outro, o avanço da esquerda e a divisão do parlamento devem preocupar. Neste sentido, os mercados europeus abriram nesta segunda com viés de baixa, justamente diante da maior votação dos partidos de esquerda e da percepção que será difícil formar uma coalização homogênea para governar o país.

No setor corporativo, a semana dá início às divulgações dos resultados 2º tri dos principais bancos norte-americanos. JP Morgan, Wells Fargo e Citibank divulgam seus resultados na sexta (12), e os investidores observarão se a migração dos depósitos para investimentos mais rentáveis continuaram pressionando a margem financeira das IFs (como observado no 1T24). Outro ponto de atenção será sobre o comportamento da inadimplência, diante da manutenção dos juros em patamar elevado e seus impactos sobre os gastos com PDD das instituições.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
08/jul	FGV: IGP-DI	Jun/24	0,60% m/m 3,00% a/a	0,87% m/m 0,88% a/a
10/jul	IBGE: IPCA	Jun/24	0,30% m/m 4,33% a/a	0,46% m/m 3,93% a/a
11/jul	IBGE: Pesquisa Mensal de Comércio (PMC)	Mai/24	-0,7% m/m 1,6% a/a	-1,0% m/m 4,9% a/a
12/jul	IBGE: Pesquisa Mensal de Serviços (PMS)	Mai/24	-0,8% m/m -0,1% a/a	0,5% m/m 5,6% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
08/jul	EUA	Crédito ao Consumidor	Mai/24	US\$ 9,0 bi	US\$ 6,4 bi
09/jul	China	Inflação ao Consumidor (CPI)	Jun/24	0,4% a/a	0,3% a/a
09/jul	China	Inflação ao Produtor (PPI)	Jun/24	-0,8% a/a	-1,4% a/a
10/jul	EUA	Estoques do atacado	Mai/24	0,6% m/m	0,2% m/m
11/jul	EUA	Inflação ao Consumidor (CPI)	Jun/24	0,1% m/m 3,1% a/a	0,0% m/m 3,3% a/a
12/jul	EUA	Inflação ao Produtor (PPI)	Jun/24	0,1% m/m 2,3% a/a	-0,2% m/m 2,2% a/a
12/jul	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Jul/24 – prévia	68,2 pts	68,2 pts
13/jul	China	Balança Comercial (Exportações / Importações)	Jun/24	8,0% a/a 2,7% a/a	7,6% a/a 1,8% a/a

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Indústria recua em maio, mas setor de veículos mostra recuperação em junho

A produção industrial retraiu 0,9% em maio, capturando os principais impactos da tragédia climática no Rio Grande do Sul. Apesar da queda ter sido menor que a esperada (-1,9%), a indústria registrou o 2º recuo mensal seguido, deixando uma herança negativa (*carry over*) de -0,7% para o desempenho do setor no 2º trimestre.

No mês, o predomínio foi de taxas negativas, com queda em todas as grandes categorias e em 16 das 25 atividades analisadas. O resultado foi puxado pela indústria de transformação (-2,2%), com as maiores influências vindo da fabricação de veículos (-11,7%) e de produtos alimentícios (-4,0%), ambas afetadas pelas enchentes no RS. No caso de veículos, por exemplo, houve paralisação das montadoras no Estado, o que também afetou o abastecimento e a produção em outras partes do País. Com isso, a categoria de bens duráveis foi a que registrou o maior recuo no mês, de 5,7%.

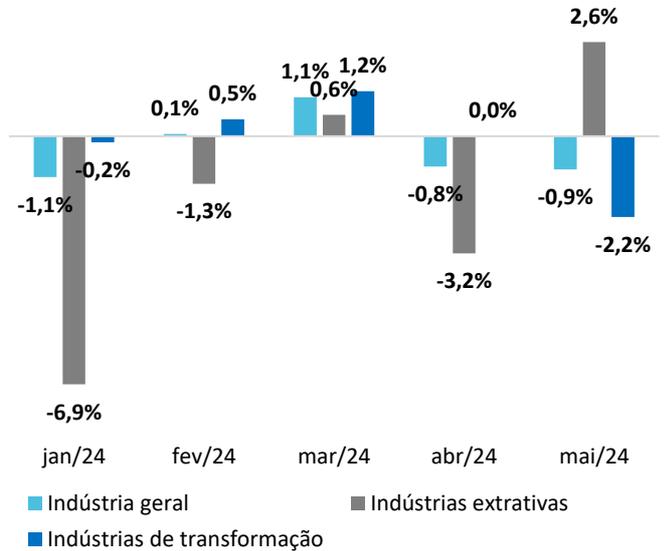
Outra categoria que mostrou um desempenho fraco no mês foi de bens de capital (-2,7%), diante da queda da produção de máquinas e equipamentos (-3,5%) e materiais elétricos (-6,3%). O segmento vinha mostrando recuperação, junto com o aumento dos investimentos, diante do ciclo de redução da taxa Selic. Embora a categoria ainda deva registrar algum crescimento no 2º trimestre, o número deve ser bem mais modesto que o registrado no 1T24, quando avançou 10,7%.

Na ponta positiva, destaque para o avanço da indústria extrativa (+2,6%), que, de importante peso, evitou uma queda ainda maior da indústria no mês. O segmento mostrou aumento na extração dos principais produtos (petróleo e minério de ferro), mas o resultado apenas devolveu parte da queda observada em abril (-3,2%).

No geral, boa parte do recuo da indústria em maio pode ser explicado pelas chuvas no Rio Grande do Sul, que no caso de alguns segmentos, causaram efeitos negativos a nível nacional. Contudo, a expectativa é de recuperação nos próximos meses, diante da normalização da situação na Região e dos esforços de reconstrução.

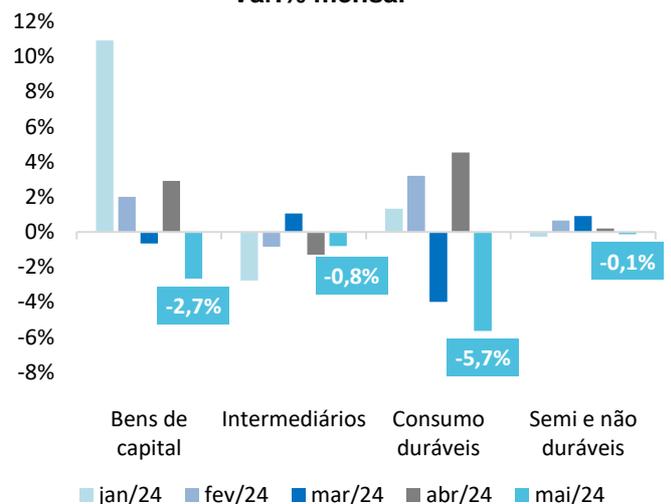
Neste sentido, os dados do setor automotivo de junho mostraram uma boa recuperação no mês. A produção total de veículos cresceu 47,5% em junho, segundo dados da Anfavea (com ajuste sazonal da Febraban), mais do que devolvendo a expressiva queda de 31,1% observada em maio.

Quadro 1: Produção Industrial – Var.% mensal



Fonte: IBGE

Quadro 2: Indústria – Grandes Categorias Var.% mensal



Fonte: IBGE

Contudo, apesar da recuperação no mês, a produção total de veículos registrou leve queda no trimestre, de 2,7% ante o 1T24.

Na mesma direção, os emplacamentos de veículos apresentam um bom crescimento em junho (+10%), segundo dados da Fenabrave, também mais do que devolvendo a queda de maio (-6,6%). Porém, no trimestre, o desempenho das vendas foi positivo, com alta de 8,1%, impulsionada pelo crescimento da massa salarial e do crédito destinado ao segmento. Vale notar aqui que o aumento das importações de veículos, especialmente elétricos e híbridos, tem suprido parte da demanda doméstica, explicando o aumento do descompasso entre a produção e as vendas.

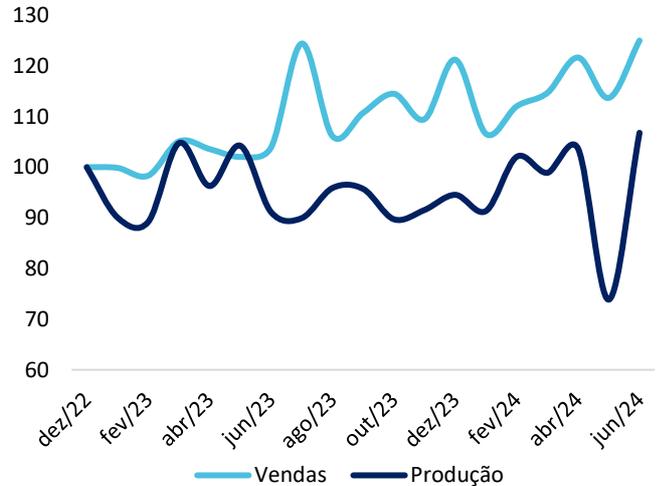
No setor externo, a balança comercial fechou o mês de junho com um superávit de US\$ 6,7 bilhões, bem abaixo do observado em junho de 2023 (US\$ 10,1 bi) e dos anos de 2021 e 2022.

No comparativo com jun/23, a queda do saldo foi puxada pelo aumento das importações (+14,4%), cujo volume (+22,3%) tem crescido em forte ritmo, em função da demanda doméstica aquecida, compensando a queda dos preços (-6,7%). O aumento do valor importado foi liderado pela categoria de bens de consumo (+71,5%), devido à forte alta das importações de veículos (+432,0%).

Já o valor exportado caiu 1,9%, também contribuindo para a queda do saldo. Tal queda refletiu o recuo dos preços (-2,2%), principalmente entre os itens agropecuários (-10,2%). De toda forma, o volume exportado também não mostrou grande dinamismo, com alta de apenas 2,0%, garantido pelo elevado crescimento das vendas de petróleo bruto (+32%).

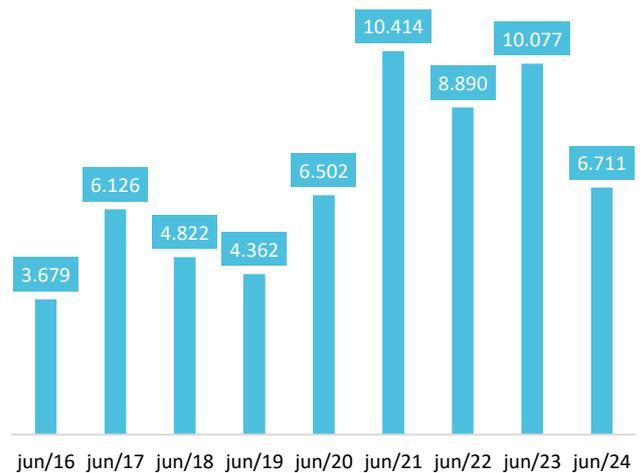
No acumulado de 2024, o saldo comercial atingiu US\$ 42,3 bi, 5,2% inferior ao observado no 1º semestre do ano passado, refletindo, de forma semelhante, um crescimento maior das importações (+3,9%) do que das exportações (+1,4%). Diante de tal cenário, a Secex informou que prevê agora um superávit comercial de US\$ 79,2 bi para 2024, valor 19,9% menor do que o superávit recorde de 2023 (US\$ 98,9 bi).

Quadro 3: Produção e Emplacamentos de Veículos – Base 100 = dez/2022*



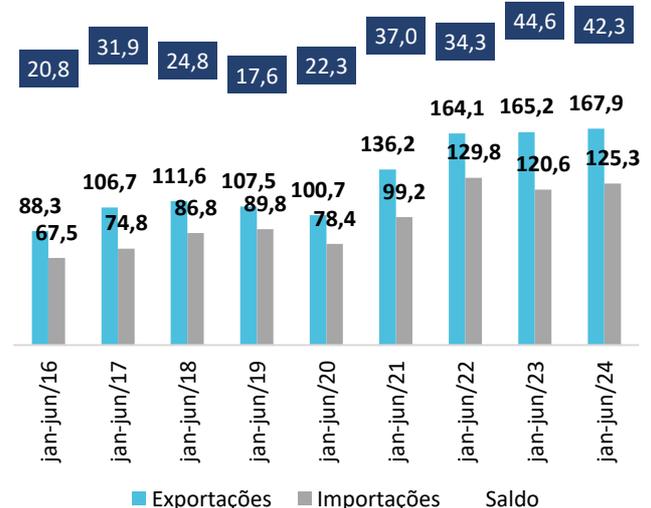
Fonte: Anfavea e Fenabrave. *Dados com Ajuste Sazonal

Quadro 4: Saldo Comercial – Meses de Junho Em US\$ mi



Fonte: Secex

Quadro 5: Saldo, exportações e importações 1º semestre – Em US\$ bi



Fonte: Secex

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Payroll aumenta confiança em início dos cortes dos juros em setembro nos EUA

Os principais índices acionários dos EUA voltaram a registrar novos recordes ao longo da semana, diante da percepção que a atividade e o mercado de trabalho tem desacelerado; e, combinados com os dados recentes mais positivos de inflação, tem aumentado a confiança no processo de desinflação da economia norte-americana. Com isso, a probabilidade atribuída no mercado de títulos de que o Fed iniciará o ciclo de corte dos juros (-0,25 pp) na reunião de setembro subiu para mais de 70% na semana (ante 58% na semana anterior), segundo dados da ferramenta CME. As bolsas europeias também subiram na semana, refletindo a vitória do Partido Trabalhista nas eleições do Reino Unido, que voltará a ter maioria no Parlamento pela primeira vez desde 2010.

Em relação aos indicadores, os dados do payroll registraram criação de 206 mil vagas de emprego em junho, pouco acima do esperado (+190 mil). Contudo, houve revisão para baixo nos dados de maio (272 mil ante 218 mil) e abril (de 165 mil para 108 mil), sinalizando que o mercado de trabalho se enfraqueceu no 2º trimestre. Outro dado que reforçou tal percepção foi a taxa de desemprego, que subiu para 4,1% (ante 4,0% em mai/24), maior valor desde out/21 (4,5%). Já os ganhos salariais desaceleraram para 3,9% (ante 4,1%) nos últimos 12 meses.

Ainda nos EUA, a ata da última reunião do Fomc/Fed, que manteve os juros estáveis no intervalo de 5,25% e 5,50% aa pela 7ª reunião seguida, indicou que vários membros destacaram que há algum progresso da inflação em direção à meta de 2% e alguns sinais de desaceleração da economia.

Na Zona do Euro, a prévia da inflação ao consumidor (CPI) subiu 0,2% no mês. Em 12 meses, o indicador desacelerou para 2,5% (ante +2,6%), beneficiado pela baixa inflação dos itens de energia (+0,2%), mas ainda pressionado pelos serviços (+4,1%). Contudo, a presidente do BCE, Christine Lagarde, minimizou tal discrepância, afirmando que a meta de 2% é para o índice cheio (e não medidas subjacentes).

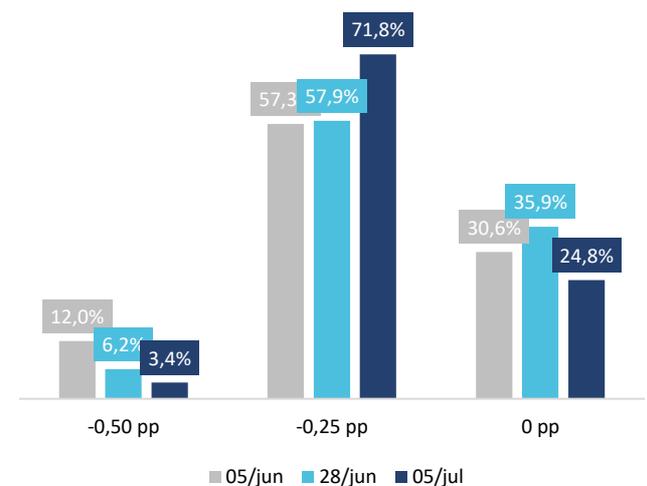
Por fim, na China, os indicadores PMI Caixin de junho mostraram que a economia do país segue sem grande impulso, com forte queda no índice do setor de serviços: 51,2 pts (ante 54,0 pts) e estabilidade no setor industrial (51,8 pts)

Quadro 6: EUA – Geração de Vagas de Emprego
Em milhares



Fonte: Bloomberg.

Quadro 7: Evolução da probabilidade de redução dos juros pelo Fed na reunião de setembro



Fonte: CME Group.

Quadro 8: Zona do Euro – Inflação ao Consumidor (CPI) – Var. % a/a



Fonte: Bloomberg.

Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

CRÉDITO / BANCOS

Projeção para expansão do crédito volta a subir e atinge 10% em 2024

A Pesquisa Febraban de Economia Bancária, realizada com 20 bancos entre 25 de junho e 01 de julho, registrou uma nova revisão positiva para a expectativa de crescimento da carteira total em 2024, atingindo 10,0% (ante 9,3% na pesquisa de maio).

A revisão de alta na projeção para o crescimento do crédito decorreu, principalmente, da carteira com recursos direcionados, cuja expectativa subiu de 10,1% para 11,3% neste ano. A revisão positiva foi bastante relevante na linha destinada às empresas (de +8,7% para +11,7%), mais impactada pelos programas de crédito criados para a reconstrução do RS; e, em menor medida, na carteira destinada às famílias (de +10,6% para +10,9%).

A expectativa de expansão da carteira livre também aumentou, para 9,2% (ante +8,6%), devido à revisão positiva da carteira PF (de +9,5% para +10,6%), que tem se beneficiado do mercado de trabalho aquecido, enquanto a alta da carteira Livre PJ ficou praticamente estável em 7,4%.

Quanto à taxa de inadimplência da carteira Livre, a Pesquisa capturou estabilidade na projeção para 2024 e 2025. Neste ano, a expectativa é que o indicador atinja 4,4%, o que implica em uma

ligeira queda ante o nível atual (4,6% em mai/24, segundo o BCB). Para 2025, a projeção para o indicador permaneceu estável em 4,2%, o que sinaliza que o mercado aguarda que o movimento de queda continue no ano que vem.

Com relação ao desempenho do crédito em 2025, a projeção para a alta da carteira total registrou estabilidade em 8,9%, com a manutenção também da perspectiva de alta da carteira com recursos livres em 8,7%.

A revisão para cima do crescimento do crédito captada na pesquisa pode ser explicada por vários fatores. O segmento mostrou números positivos ao longo do 1º semestre, refletindo o ciclo de queda da taxa Selic e a melhora dos índices de inadimplência. Além disso, o mercado de trabalho aquecido e o aumento da massa salarial devem continuar impulsionando as linhas voltadas ao consumo das famílias. Ainda, os programas públicos aprovados para a reconstrução do Rio Grande do Sul devem dar um impulso importante no 2º semestre. Por outro lado, é importante acompanhar a evolução do cenário econômico, pois as turbulências recentes podem afetar o mercado de crédito.

Quadro 9 apresenta o resultado consolidado da pesquisa atual, e o comparativo com o obtido na pesquisa anterior.

Quadro 9: Projeção Média para o Crescimento da Carteira de Crédito (Pesquisa Febraban de Economia Bancária)

Projeções para Saldo de Crédito e Inadimplência (média entre as instituições)	2024		2025	
	Pesquisa Mai/24	Pesquisa Jun/24	Pesquisa Mai/24	Pesquisa Jun/24
Carteira Total (var. % – total do SFN)	9,3	10,0	8,9	8,9
Recursos Livres (var. % – total do SFN)	8,6	9,2	8,7	8,7
Crédito Livre para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	7,5	7,4	8,5	8,3
Crédito Livre para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	9,5	10,6	9,5	9,2
Recursos Direcionados (var. % – total do SFN)	10,1	11,3	9,1	9,6
Crédito Direcionado para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	8,7	11,7	8,4	8,3
Crédito Direcionado para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	10,6	10,9	9,6	10,2
Taxa de Inadimplência - % da Carteira Livre (acima de 90 dias, fim de período)	4,4	4,4	4,2	4,2

Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

* Nem todas as IFs imputam projeções para todas as aberturas, fato que pode causar alguma discrepância entre a projeção para o crédito total e suas aberturas.

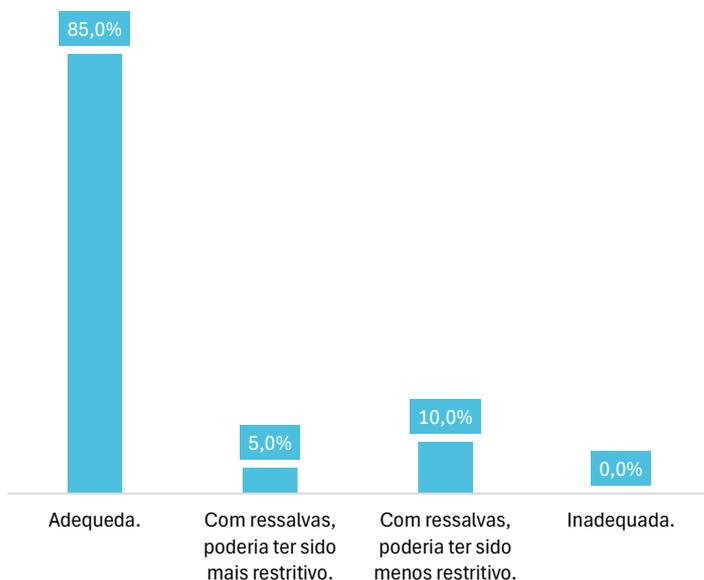
Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

Em relação à percepção dos participantes sobre a economia brasileira e internacional, os principais pontos captados pela Pesquisa Febraban de Expectativas foram:

- Após a decisão do Copom em interromper o ciclo de queda da Selic, a grande maioria dos participantes (85,0%) entendeu que a decisão do Copom, de forma unânime, foi adequada (Quadro 10). Assim, a mediana para a taxa Selic passou a projetar a manutenção dos juros em 10,5% até a 1ª reunião de 2025 (última data coletada) (Quadro 11).
- Já a expectativa para a taxa de câmbio migrou para um patamar bem superior às pesquisas anteriores, permanecendo acima de R\$/US\$ 5,20 até o final de 2024 (ante projeções próximas a R\$/US\$ 5,00), embora ainda bem abaixo do nível negociado atualmente.
- Com relação à inflação, a maior parte dos entrevistados (75,0%) entendem que as atuais projeções para o IPCA deste ano, em torno de 4%, estão bem calibradas.

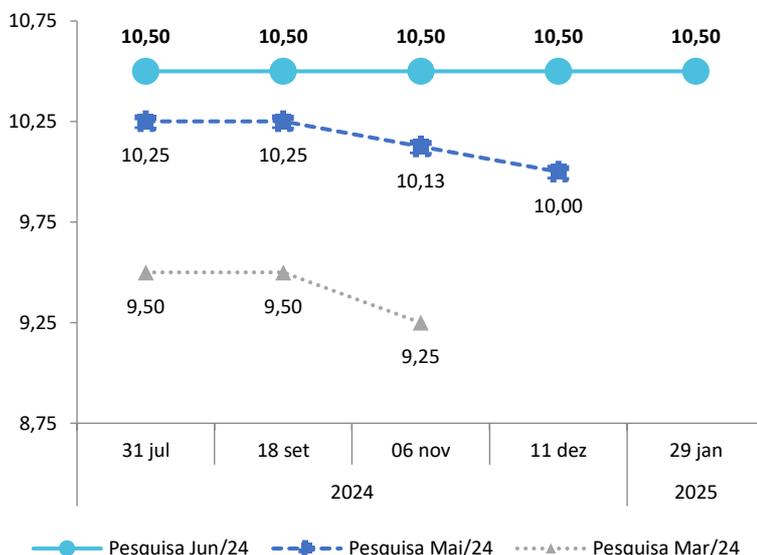
- O Copom reavaliou o hiato do produto de levemente negativo para neutro em sua última reunião. Porém, apenas 26,3% dos participantes também têm a mesma percepção do BCB. Para a maioria (63,2%), o hiato do produto já está positivo, o que significa que o país já estaria crescendo acima de seu potencial.
- Quanto ao cenário para a política monetária nos EUA, a expectativa de 60% dos entrevistados está em linha com a indicação do Fed, de apenas um corte de 0,25 pp até o fim do ano. Contudo, vale ressaltar que tal projeção é mais conservadora que o mercado (de títulos), que prevê 2 cortes ainda neste ano.
- Para acessar o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 10: Percepção dos participantes sobre a decisão do Copom



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Quadro 11: Projeção (mediana) para a Taxa Selic para as próximas reuniões do Copom



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Relatório Mensal da Caderneta de Poupança – Jun/24

CRÉDITO / BANCOS

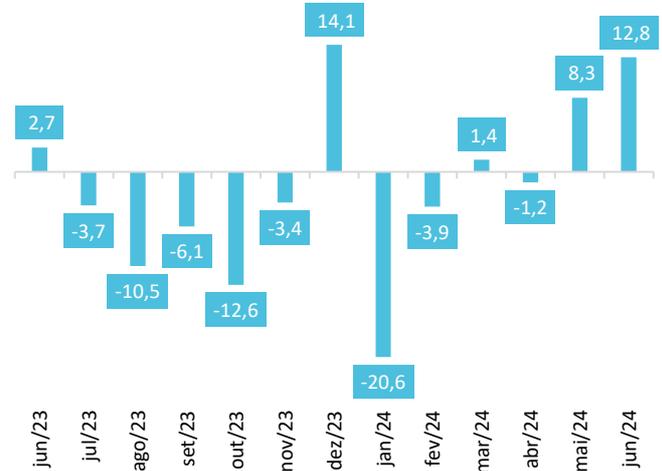
A caderneta de poupança registrou captação líquida positiva de R\$ 12,8 bilhões em junho, segundo o Banco Central do Brasil (BCB). Os saques superaram os depósitos pelo 2º mês consecutivo, algo que não ocorria desde os meses de junho e julho de 2021. O resultado foi superior ao observado em 2023 (R\$ 2,7 bi) e o melhor desde 2020 (R\$ 26,8 bi).

Com o resultado positivo dos meses de maio e junho, a saída de recursos da modalidade foi praticamente zerada no acumulado do 1º semestre do ano, ficando em apenas R\$ 3,2 bi. O número representa uma melhora expressiva com relação aos anos de 2021, 2022 e 2023, quando as saídas (em termos reais) foram de R\$ 20,9 bi (0,3% do PIB), R\$ 56,1 bi (0,6%) e R\$ 70,6 bi (0,7%), nesta ordem.

Assim, o saldo voltou a superar a marca de R\$ 1 trilhão, atingindo R\$ 1,011 tri (9,1% do PIB), algo que não era observado desde meados de 2022. Em proporção ao PIB, a recuperação é mais modesta, mas também se observa alguma inflexão na tendência de queda (Quadro 14).

Em suma, a captação de recursos via caderneta de poupança tem mostrado alguma recuperação neste ano, beneficiada pelo aumento da massa salarial e queda da taxa Selic. Porém, do ponto de vista estrutural, não altera a necessidade de se aprimorar as fontes de *funding* do crédito imobiliário, uma vez que a modalidade tende a seguir perdendo espaço para outras alternativas mais rentáveis para os poupadores.

Quadro 12: Captação Líquida da Caderneta de Poupança Em R\$ bi (IPCA de jun/24*)



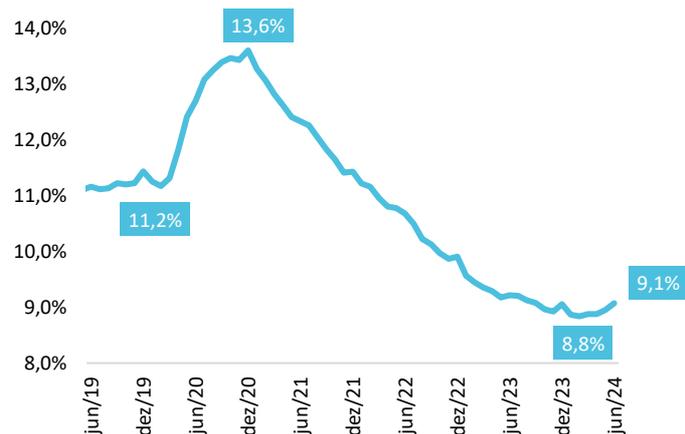
Fonte: Bacen. *Boletim Focus 28/06/2024.

Quadro 13: Captação da Caderneta de Poupança 1º semestre - Em bi



Fonte: Bacen.

Quadro 14: Saldo por modalidade – Em % do PIB



Fonte: Bacen.

**Regulação - Conselho Monetário Nacional
(CMN) e Plano Safra 2024/2025****CRÉDITO / BANCOS**

O Conselho Monetário Nacional (CMN) aprovou nove resoluções em reunião extraordinária na última terça-feira (2), voltadas para o Plano Safra 2024/2025, que foi anunciado na quarta-feira (3). As medidas incluem ajustes nas normas do crédito rural, editando tanto o Manual de Crédito Rural (MCR) como itens relacionados aos programas governamentais, como, por exemplo, Pronamp, Pronaf e PGPAF.

O Plano Safra 2024/25 referente à agricultura familiar oferecerá R\$ 76 bilhões em crédito através do Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), ao longo do período entre 1º de julho de 2024 ao fim de junho de 2025. O volume é 6,2% superior que o montante destinado em 2023/24 (R\$ 71,6 bi). Agregando com os valores das demais políticas de apoio, a cifra ofertada aos pequenos produtores deve chegar a R\$ 85,7 bi, também superior ao programa passado (R\$ 77,7 bi). O programa disponibilizará 10 linhas de crédito que contarão com taxas de juros que variam de 0,5% a 6,0% ao ano, com destaque para alguns alimentos básicos cuja taxa foi reduzida de 4% para 3% ao ano. Além disso, dentro das regras, o plano prevê taxas menores para alimentos orgânicos e ligados à biodiversidade.

Já o Plano Safra 2024/25 empresarial contará com R\$ 400,5 bi, valor 10,0% superior ao plano anterior. Neste caso, os recursos são direcionados aos produtores enquadrados no Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp). Do valor total, R\$ 293 bi serão destinados ao custeio e comercialização e o restante (R\$ 107 bi) para investimentos. As taxas de juros variam de 7% a 12% ao ano. Além disso, os produtores contarão com mais de R\$ 108 bi em recursos vindos de Letras de Crédito do Agronegócio para emissão de Cédulas do Produto Rural (CPR), totalizando R\$ 509 bi em incentivos.

Por fim, vale mencionar que praticamente não houve alteração nas regras de direcionamento de recursos para o programa. As exigibilidades da poupança rural (65%) e das LCAs (50%) permaneceu igual as regras de 2023/24. Já em relação aos depósitos à vista, além da manutenção do direcionamento de 30% dos recursos para o crédito rural, também foi aplicada uma exigibilidade adicional de 1,5% para o período de jul/24 até jun/25.

A seguir, as resoluções e os respectivos links para leitura do conteúdo completo:

[Resolução CMN nº 5.149, 03/07/2024](#) – Dispõe sobre ajustes nas normas gerais do crédito rural e do Pronamp

[Resolução CMN nº 5.150, 03/07/2024](#) – Ajusta normas do Capítulo 11 do MCR

[Resolução CMN nº 5.151, 03/07/2024](#) – Ajusta normas a serem aplicadas às operações de crédito do Pronaf

[Resolução CMN nº 5.152, 03/07/2024](#) – Faz ajustes em normas de Créditos de Custeio e Operações do MCR

[Resolução CMN nº 5.153, 03/07/2024](#) – Define os encargos financeiros e limites para as linhas de crédito e programas do MCR

[Resolução CMN nº 5.154, 03/07/2024](#) – Ajusta normas do PGPAF, no âmbito do Pronaf

[Resolução CMN nº 5.155, 03/07/2024](#) – Define os encargos financeiros para financiamentos rurais com recursos dos Fundos Constitucionais de Financiamento

[Resolução CMN nº 5.156, 03/07/2024](#) – Altera a Resolução CMN nº 5.140, que estabelece as condições das linhas de financiamento disponibilizadas com recursos do superávit financeiro do Fundo Social

[Resolução CMN nº 5.157, 03/07/2024](#) – Estabelece exigibilidade adicional de aplicação em crédito rural sobre os recursos à vista para o período do Plano Safra 2024/25



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2024				2025			
	05/07/24	28/06/24	07/06/24	Viés	05/07/24	28/06/24	07/06/24	Viés
IPCA (%)	4,02	4,00	3,90	▲	3,88	3,85	3,78	▲
PIB (% de crescimento)	2,10	2,09	2,09	▲	1,97	1,98	2,00	▼
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	10,50	10,50	10,25	↔	9,50	9,50	9,25	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,20	5,20	5,05	↔	5,20	5,19	5,09	▲

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	05/07/24	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,46	-2,39%	-2,39%	12,41%	11,03%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	157,87	-7,36%	-7,36%	19,18%	-12,94%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	10,41	-0,07%	-0,07%	-10,59%	-23,46%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	10,96	-2,48%	-2,48%	9,14%	-5,86%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	11,97	-3,38%	-3,38%	18,81%	13,10%
Índice Ibovespa (em pontos)	126.267,05	1,91%	1,91%	-5,90%	7,53%
IFNC (setor financeiro)	12.354,25	1,57%	1,57%	-10,50%	2,02%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,50	0,00%	0,00%	0,00%	4,76%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,60	-3,16%	-3,16%	8,32%	-7,57%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,28	-2,68%	-2,68%	10,29%	6,19%
Dollar Index	104,88	-0,93%	-0,93%	3,50%	1,66%
Índice S&P 500 (em pontos)	5.567,19	1,95%	1,95%	16,72%	26,19%
Índice de ações de bancos – EUA	96,19	-2,46%	-2,46%	-12,17%	12,19%
Índice Euro Stoxx 50	4.979,39	1,74%	1,74%	10,13%	17,91%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	142,33	4,03%	4,03%	20,26%	36,16%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	86,85	0,51%	0,51%	12,73%	13,50%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira